

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE BELAS ARTES
ARTES VISUAIS - ESCULTURA
JOÃO CARLOS DOS SANTOS DANTAS
DRE 116082469

ANTICORPO: UMA MANIFESTAÇÃO DECOLONIAL

Rio de Janeiro, 2022

JOÃO CARLOS DOS SANTOS DANTAS

ANTICORPO: UMA MANIFESTAÇÃO DECOLONIAL

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado ao curso de Artes Visuais – Escultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais - Escultura orientado pela Profa. Dra. Marina Ferreira Frega

Rio de Janeiro, 2022

CIP - Catalogação na Publicação

d192a dos Santos Dantas, João Carlos
Anticorpo: Uma Manifestação Decolonial / João Carlos dos Santos Dantas. -- Rio de Janeiro, 2022. 40 f.

Orientador: Marina Ferreira Frega .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura, 2022.

1. Desigualdade Social. 2. Racismo. 3. Candomblé. 4. Exclusão Social. 5. Arte contemporânea. I. Ferreira Frega , Marina, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

João Carlos dos Santos Dantas
Anticorpo: uma manifestação decolonial

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado ao curso de Artes Visuais – Escultura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais - Escultura orientado pela Profa. Dra. Marina Ferreira Frega.

Profa. Dra. Marina Ferreira Frega
EBA-UFRJ



Profa. Dra. Beatriz Pimenta Veloso EBA-UFRJ
EBA-UFRJ



Profa. Dra. Dinah de Oliveira
EBA-UFRJ



Resumo:

O trabalho de conclusão de curso, Anticorpo: Uma Manifestação Decolonial, aborda, a partir do ponto de vista da prática artística, as questões socioeconômicas como potencializadoras da exclusão social, assim como o apagamento de identidades devido à esse processo de exclusão. O trabalho traz discussões a partir de pensadores como Karl Marx, Michel Foucault, Achille Mbembe e Frantz Fanon, para elaborar como as relações políticas, sociais e biológicas estão conectadas e informam a criação dos trabalhos artísticos apresentados, que partem das expressões urbanas e trazem a religião e as expressões culturais iorubás, mais comuns no Brasil, como principal referência para a escrita.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Desigualdade social; Candomblé; Umbanda; Exclusão Social;

Sumário

1- Introdução.....	9
2 - Do ovo.....	11
2.1 - Das capas e Carapuças.....	12
2.2 – Arte Urbana e Desigualdade Social.....	14
2.3 - Desenvolvimento: Corpo Biológico e Corpo Urbano.....	17
2.4 - Ebó, Cultura e Arte Contemporânea como Expressões.....	26
3 – Conclusão.....	48
4 - Referências Bibliográficas.....	50

Índice de Imagens

Imagem 1: Ovo.....	10
Imagem 2: Stanley Vinicyos, sem título.....	14
Imagens 3: Ebó: O lugar da arte.....	15
Imagem 4: Gigantes.....	17
Imagem 5: Fagocitose.....	18
Imagem 6: Aresta.....	19
Imagem 7: Carapuça I.....	21
Imagem 8: Carapuça II.....	22
Imagem 9: Olhos semicerrados.....	23
Imagem 10: Instalação no Paço Imperial.....	27
Imagem 11: Ebó III, 7 Padês para Exú. No Museu da República.....	29
Imagem 12: Ebó III, 7 Padês para Exú. No Museu da República.....	29
Imagem 13: Ebó I.....	31
Imagem 14: Papá.....	33
Imagem 15: Papá.....	34
Imagem 16: Carapuça e o Homem do Saco.....	39
Imagem 17: Processo de criação dos moldes de gesso.....	44
Imagem 18: Ebó III.....	45
Imagem 19: Carapuça III.....	46

Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los.

Achille Mbembe

1 – Introdução

O trabalho de conclusão de curso Anticorpo: Uma Manifestação Decolonial é parte de minha pesquisa artística, em andamento, sobre as desigualdades sociais e o que constrói tais desigualdades. O trabalho parte do corpo como objeto de estudo frente ao sistema capitalista que tem regulado o acesso de determinados corpos¹ a políticas já construídas para corpos legitimados como eficientes e provedores da moral da família brasileira.

Se faz, aqui, uma analogia entre os fenômenos biológicos e os sociais – a partir do *Anticorpo* e dos *patógenos* - tomando os mecanismos biológicos de defesa do corpo como imagem para os embates entre os corpos dissidentes e os mecanismos de controle do Estado. É importante saber quais são os anticorpos que operam na eliminação de patógenos danosos ao corpo, mesmo que neste trabalho a concepção de “patógeno” e “anticorpo” social caiba tanto ao Estado quanto à sociedade, como, por exemplo, em ações policiais nas favelas do Rio de Janeiro.

Para o Estado, o anticorpo é ele próprio, que combate os patógenos sociais, que, nesta perspectiva, são aqueles que “causam danos” ao desenvolvimento dos modos de produção: os moradores de rua, os homossexuais, os travestis, os deficientes físicos, o negro. Ao mesmo tempo, os patógenos sociais também podem ser considerados anticorpos, que lutam contra o patógeno chamado Estado com a finalidade de obter respeito, políticas adequadas para a sociedade e a garantia de direitos universais - a luta de classes.

É por isso que em minhas performances, pinturas e fotografias, com capas e instrumentos que cobrem o rosto, eu vou trabalhar o *encapamento* do corpo como medida necessária para a sobrevivência do humano que se torna vulnerável aos sentidos, à possibilidade de estar do lado de fora de casa e ser contaminado por algum vírus mortal. A deformação do corpo notada nas pinturas apresentadas também remete à condição impermanente do ser humano enquanto forma, enquanto ser que ainda detém todos os sentidos para a sobrevivência. As capas falam também de um silenciamento imposto aos cidadãos, por exemplo, que margeiam as ruas.

¹ Deficientes físicos, transgêneros, gays, lésbicas, negros, indígenas...

A instrumentação do corpo pelo sistema capitalista está descrita na concepção de biopoder, biopolítica e necropolítica, conceituadas por Michel Foucault e Achille Mbembe. A partir do pensamento destes autores, busco entender os instrumentos utilizados pelo Estado para legitimar a pobreza, por exemplo. A introdução do mercado na sociedade já estabelece os lugares hierárquicos compostos por um desenvolvimento histórico falho.

A escravidão, então, se torna um fenômeno muito importante para essa escrita, pois expressou os extremos da exploração colonialista sobre o corpo humano, assim como propôs uma estética padronizada de corpo. A partir do pensamento de Luiz Rufino, Luiz Antônio Simas, Grada Kilomba, entre outras referências, proponho um diálogo entre minha pesquisa artística sobre a desigualdade social com a prática do ebós, que são oferendas às divindades africanas cultuadas principalmente na Umbanda e no Candomblé, aqui no Brasil.

É interessante perceber como essa prática estabelece um retrato moderno e histórico sobre o que escravidão nos deixou. Dessa forma, este trabalho de conclusão de curso vai esmiuçar os problemas sociais utilizando de uma metáfora pautada no *encapuzamento*, na pintura de corpos alongados que se assemelham à vírus e bactérias. Vai também investigar, principalmente, através da escrita e de esculturas e instalações, como a cultura dos negros africanos escravizados no Brasil mostra a divisão entre Anticorpo (colônia) e patógeno (negros escravizados).



Imagem 1: João Doe, Ovo, Pintura Digital, 2mx1m, 2021

2 - Do Ovo

Começar com o ovo é terminar também. Na imagem e na história do ovo, toda a questão de sua origem, estão contidos os chocamentos, nascimentos, do puro ser. Meu corpo é um anticorpo. O ovo que me chocou me deu tudo que ele recebeu de seus chocadores, seus ancestrais. Da terra de onde venho carrego comigo os meus ancestrais. Eles estão no meu corpo, compõem o que sou. Com eles vieram a lembrança do peso nas costas, do mal-estar no pescoço. Com eles vieram as ânsias de um desejo que não é pulsão de vida. Meu corpo é um anticorpo. Porque corre na minha espinha os efeitos do desejo colonizador. Das pedras pesadas carregadas. Do balde d'água na cabeça.

Lembro bem do sabor de feijão com farinha, coentro e alface no lugar e espaço chamado sertão. Era uma comida boa que Eva, o ovo do meu ovo, fazia no terreiro de casa. O sabor me lembra uma criança com jeitos femininos, efeminado. Dançava, na calçada em frente a porta de casa, as músicas que a igreja católica do local tocava em seus ensaios. A igreja ficava embaixo da colina onde as minhas gemas moravam, então o som ecoava pela cidade em todos os eventos. Usava como peruca alguma camiseta que coubesse bem na minha cabeça. “Uma fantasia solta”, como disse Clarice Lispector (1977), uma fantasia que nos mostra um desejo de ser outre.

Um corpo, sendo moldado por um turbilhão de informações impostas, não resiste à própria racionalidade. Ele é colocado como juiz dele mesmo sob medidas estabelecidas. Quando um corpo percebe não fazer parte da sociedade por não atender às medidas midiáticas, a tendência é que ele se mascare. Se esconda. Suma. Se encape para se proteger da projeção da sociedade. Ao mesmo tempo que o sertão, o lugar e suas condições me deixavam ser como eu era, havia uma punição por carregar uma linguagem de corpo incomum. “(...) O homem do saco vem te pegar se você não mudar esse jeito.” (Tia Mocinha, 1994)

2.1 - Das Capas e Carapuças

As carapuças acontecem no decorrer dos trabalhos performáticos enquanto o mascaramento, esse *encapamento* que protege, acontece durante as ações. A imagem parte de uma memória infantil pessoal sobre a “captura do homem do saco”, que aqui se desdobra na ideia de *empacotamento*, a partir do qual se desenvolve uma perda de identidade. É comum que os indivíduos encapados, marginalizados, percam sua identidade diante do ideal plano de vida sustentado pelo capitalismo. A perda da identidade serve como meio de pensar os transeuntes e anticorpos que caminham entre nós (não em uma realidade paralela, mas ainda sim espiritual) completamente sujos, descalços, drogados e famintos. Como explicar os patógenos² sociais que o Estado aniquila? Como explicar os 8 jovens assassinados no dia 23 de julho de 1993 em um local símbolo da colonização, na Candelária?

Na agressividade de um estado ditador, comer, em um sentido fálico, representa um degrau soberano na hierarquia social quando o recado é dado pela matéria, pênis, que introduz, preenche, não é preenchido. Essa categoria do preenchedor se divide em grupos sociais, a partir de premissas patriarcais, aquele que preenche e é preenchido. Vagina. O lugar da mulher, por exemplo, supostamente deveria estar nesse côncavo, lugar onde se introduz a matéria fálica, por isso, gera filhos e mais trabalhadores para manter o sistema. Por isso, é colocada em lugares de subalternidade ao sistema, ainda, patriarcal.

Dessa forma, temos posições sexuais metaforizadas pelas posições e hierarquias sociais. O que vem do escuro, ou o que não se pode ver a olho nu, parece ser o que nos legitima pertencentes a lugares já previamente estabelecidos pela estrutura hierárquica do sistema, com uma visão ainda carregada por erros sócio-históricos, epidemias, guerras, genocídio, fobias de corpos fora dos padrões. Portanto, o objetivo desse trabalho escrito é refletir o que não se vê a olho nu, o mundo microbiológico, com as estruturas sociais, as quais estão diretamente ligadas. Disso, se encarregam os patógenos, as bactérias e os vírus.

Segundo Paul Preciado, a resposta que uma sociedade dá a uma epidemia

² Indivíduos marginalizados a partir da analogia entre as relações biológicas e sociais. O patógeno é danoso ao sistema corpo. Assim o comparo ao indivíduo marginalizado, excluído socialmente, que é tratado como danoso ao capitalismo.

revela o projeto de hierarquização e segregação de seus agentes sociais, identificando corpos marginais como patógenos, que passam a ser diretamente associados às doenças. A AIDS, por exemplo, é um vírus que, de forma micro, vai dividir a sociedade em gays e não gays quando atinge seu pico epidêmico em 1980. Um vírus que se transforma no corpo no qual se instalou, um corpo que se transforma no vírus que o infectou. Outro anticorpo. Mais carapuças, mais sentenças. Mecanismo semelhante ocorreu na ocasião da epidemia de Sífilis do século XVI ao XIX, quando a doença foi diretamente relacionada às prostitutas. (PRECIADO, 2020, p. 5)

O que Preciado (2020) diz sobre a pandemia do HIV pode ser considerado para a pandemia do Covid-19. Os corpos abatidos pelo vírus, dessa vez, são os corpos já considerados e verificados como frágeis por alguma patologia que impeça o sistema imunológico de combater o vírus. Ou seja, é claro para o sistema que esses corpos não operam suas funções conforme o padrão estabelecido pelo capitalismo. Esses corpos já não funcionam perfeitamente em sociedade. Por isso, o vírus.

A partir do olhar social, e seguindo a analogia com as estruturas microbiológicas, encontramos o filósofo Achille Mbembe, que em seu artigo O Direito Universal a Respiração, analisa como as políticas de enfrentamento ao COVID-19 determinam e classificam seus vulneráveis de acordo com a condição do corpo. O quão envelhecido ou vulnerável o corpo está parece ser o principal interesse do vírus. São condições físicas do humano que não podem ser separadas do capitalismo.

A destruição de habitats prossegue, inabalável, e populações humanas em estado de saúde precário são quase que diariamente expostas a novos agentes patógenos. Antes da colonização, os animais silvestres, principais reservatórios de patógenos, estavam circunscritos a ambientes nos quais apenas populações isoladas viviam. Foi o caso, por exemplo, dos últimos países florestais do mundo, na Bacia do Congo. (MBEMBE, p.4,2020)

2.2 - Arte Urbana e Desigualdade Social

Os anticorpos sociais, aqueles que expressam a desigualdade social e as intolerâncias, começam a ser o centro desse trabalho a partir do olhar urbano. Não a arte urbana, mas as coisas que o urbano pode oferecer como reflexão sobre as desigualdades sociais. As expressões que as construções urbanas manifestam nelas mesmas, através de artistas que deixam suas marcas dentro de uma atmosfera marginalizada, “também patógenos”, têm um grau de importância elevado no ponto de vista cultural e artístico, principalmente quando essas expressões culturais, como o lambe-lambe, por exemplo, carregam em si questões que beiram as disparidades sociais. Antes de tudo, a arquitetura lidera, talvez subjetivamente, uma curiosa apreciação acerca de sua dimensão e possibilidades no espaço - como é o caso das pequenas construções urbanas, improvisadas, que podem ser vistas nas cidades e nas fotografias do artista Stanley Vinycius. No interior de uma ponte e suas estruturas há uma veia que lateja e pulsa enquanto os carros, corpos de nós mesmos, bombeiam o ciclo do dia. Ao mesmo tempo existem duas pilastras para esticar o varal e estender a roupa.



Imagem 2: Stanley Vinycius, Sem título, Fotografia, dimensões variáveis, 2021

Ainda pela cidade, pelo olhar da janela de um ônibus, trem, metrô, carro, Uber, Taxi, podemos ver essa conexão do nosso olhar com o corpo que bombeia lá fora, circulando, ela mesma ingênua acerca do motor que a propulsiona. Podemos ver os ambulantes, pessoas que moram nas ruas, carros, sinais de trânsito, shoppings. Disparidades visuais da cidade que desembocam disparidades entre os corpos, através de um motor, sistema, chamado Capitalismo que regula os centros e os corações das cidades. É ele que “dá” a possibilidade de movimento. Impõe. O coração impõe que esse corpo regule.



Imagem 3: João Doe, Ebó: O lugar da arte, pixação sobre tela, 60X50, 2022. **a**

Nessa pele de concreto, o que chama atenção é um tipo de linguagem também concreta e já comentada por Robert Bringhurst (2006), em *A Forma Sólida da Linguagem: a pixação*. Uma linguagem que parte da imagem. Uma linguagem que começa simples como a história.

A escrita cuneiforme, por exemplo, era feita em paredes ou superfícies que pudessem receber alguma mensagem ou orientação. O pensamento oriental, por exemplo, traduz sua escrita a partir do que é imagético. Uma escrita imaginada baseada nas formas naturais que se podia ver no espaço.

Os artistas urbanos trabalham com a pixação como um meio político para ir contra o que é ditado e, além disso, manifestações sobre a consciência de classe. É uma demarcação territorial que critica o território que não se parece em nada com o lugar do pixador. Por isso, interessante também é a forma de se pensar a linguagem como fenômeno indissociável do social, pois nessas expressões estão contidas a demarcação de territórios através de assinaturas. São pinturas urbanas que questionam e se revoltam contra as diferenças de infraestrutura entre classes. A linguagem de um anticorpo é o seu próprio corpo.

Minha pesquisa começa a se construir, então, observando todas as expressões urbanas, as não artísticas também, e propondo trabalhos do campo da arte contemporânea. Dessa forma, se inicia também mais um interesse em uma

expressão artística criada através da cultura de uma população economicamente desfavorecida. Com esse pensamento se intensifica a vontade de explorar, através de múltiplas linguagens tais expressões e vistas nas cidades e na sociedade como um todo.

2.3 - Desenvolvimento: do corpo biológico e urbano

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) começou a ser pensado mesmo antes que a ideia, *strictu sensu*, fosse concebida. O anticorpo que aqui escreve já era um patógeno social inconsciente. Antes da ideia de escrever houve uma conexão com a imagem e os corpos marginalizados, uma identificação, reconhecimento e projeção de uma identidade. Há, também, um questionamento acerca de tais corpos que passaram a ser representados, primeiramente, através de meus trabalhos artísticos, começando pela pintura. Pinturas que não respeitam os padrões dos corpos tidos como “civilizados” - nem os padrões, nem os cânones.

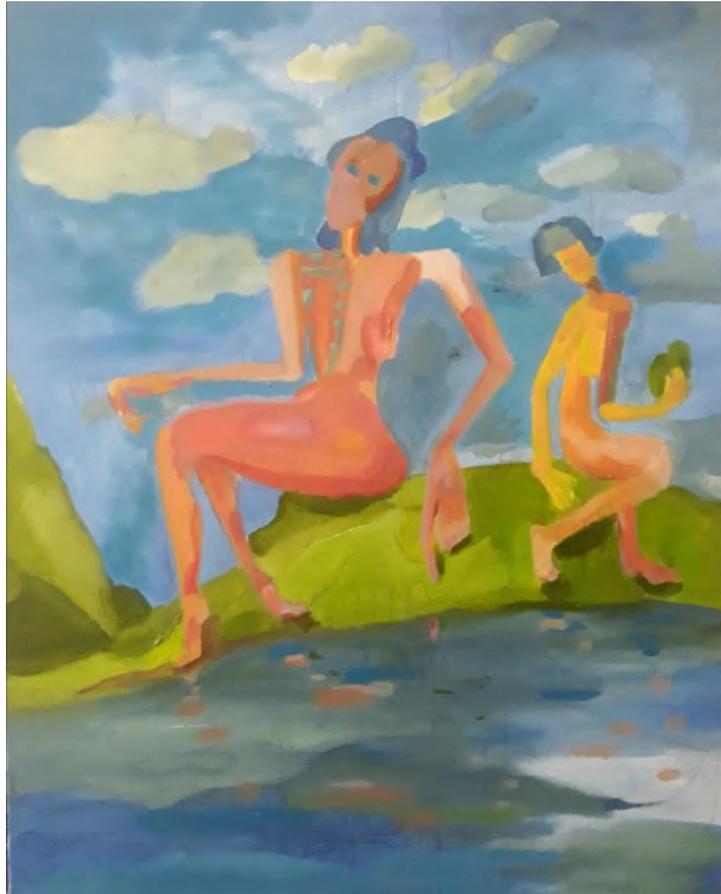


Imagem 4: João Doe, Gigantes, Acrílica sobre tela, 30X40, 2021.

Os trabalhos artísticos que se inserem no Anticorpo, trazem um questionamento sobre o que é um corpo funcional para um sistema que o identifica como patógeno. Há aqueles que têm todos os membros, braços e pernas e dedos e todos as partes necessárias de um corpo padrão e há aqueles que não. Isto é, para o sistema é preciso pensar em como os patógenos sociais: homossexuais, negros, transsexuais, mulheres, deficientes físicos podem ser inseridos em um mundo construído para um padrão masculino-branco-ocidental. Essa afirmação revela variadas questões sociais, em especial o racismo e a intolerância religiosa, o que será uma parte significativa da investigação através desta escrita.



Imagem 5: João Doe, Fagocitose, acrílica sobre tela, 30X40, 2021.

A semelhança e a concomitância dos acontecimentos biológicos, principalmente durante o período pandêmico, ajudaram a estruturar os segmentos e linguagens que os trabalhos artísticos, aqui exibidos, usariam para apresentar o conceito. A política que faz o gerenciamento dos corpos válidos e não válidos está presente na biopolítica de Foucault, que trata a soberania do poder estatal como justificativa para escolher quem pode viver ou como morrer. Essa política também é tratada por Achille Mbembe quando ele aprofunda a análise incluindo a política de morte por parte do Estado, a necropolítica.

É observando esses ideais padronizados de mundo, explorados pelo Nazismo, por exemplo, que pinto o corpo não-corpo, o anticorpo. Nas pinturas, utilizo da saturação e deformação de proporcionalidades fazendo constar nesses anticorpos as divergências acerca dos padrões de sexualidade, raça, cor, gênero, religião e pobreza. Assim, passamos a compreender, de forma ilustrativa e experimental, os processos que constroem a marginalização.

Segundo Foucault, o Estado nazista era o mais completo exemplo de um Estado exercendo o direito de matar. Esse Estado, ele afirma, tornou a gestão, proteção e cultivo de vida coextensivos ao direito soberano de matar. Por uma extrapolação biológica sobre o tema do inimigo político, na organização da guerra contra os seus adversários e, ao mesmo tempo, expondo seus próprios cidadãos à guerra, o Estado nazi é visto como aquele que abriu caminho para uma tremenda consolidação do direito de matar, que culminou no projeto da “solução final”. Ao fazê-lo, tornou-se o arquétipo de uma formação de poder que combinava as características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicida. (MBEMBE, 2016, p.128)



Imagem 6: João Doe, Aresta, Acrílica sobre tela, 30X40, 2021.

Diariamente há uma eliminação, “limpeza”, de corpos que não se mesclam ao padrão que o sistema capitalista vem desenvolvendo, baseado no pensamento colonialista. Como exemplo de um problema estrutural, o momento atual em que vivemos, uma fase pela qual o universo microscópico passou a ser percebido com mais cautela, devido ao risco de pandemia, causando isolamentos forçados, conota uma perda de sentidos acelerada, velada por um negacionismo às ações da

natureza sobre a raça humana. O que significa um afastamento do ser humano das coisas naturais, do cheiro das árvores do lado de fora, de poder estar do lado de fora, no mundo. A reflexão sobre a necessidade de conexão com a natureza destaca algumas composições religiosas, que interessam a este trabalho, encontradas nas ruas.

Como já foi dito, as expressões dos corpos marginalizados podem ser encontradas pelas ruas através de múltiplas linguagens. As expressões culturais que chamam atenção em todas as encruzilhadas e esquinas, são as oferendas aos orixás da Umbanda e do Candomblé. Oferendas que são encontradas nos espaços urbanos e falam diretamente sobre problemas sociais relacionados a escravidão e ao racismo. Assim, falando sobre natureza, podemos nos remeter às questões ontológicas representadas pelas religiões de matriz africana, que têm a natureza e seus fenômenos como suas divindades.

Para falar de natureza é necessário entender que os Orixás, divindades das religiões de matriz africana, são os agentes ligados à ancestralidade e carregam, em seus símbolos, os instrumentos de cada luta. Ligados aos elementos da natureza, essas divindades possibilitam um diálogo com o espaço e suas infinitas divisões que se estabelecem espiritualmente. São, assim, ligados à sabedoria e princípios baseados na justiça, baseados na virtude do corpo intrinsecamente conectado à natureza. Ou seja, o capitalismo nada tem a ver com os princípios dessa religião, mas exerce sobre ela um peso carregado desde o período da colonização.

Dessa forma, no passado, os negros praticantes de suas religiões nativas da África, foram obrigados a camuflar suas crenças com as imposições da igreja católica. A Umbanda é um exemplo de uma manifestação religiosa e cultural criada no Brasil a partir das primeiras linhagens religiosas vindas com os escravos. Esse sincretismo religioso é entendido como o encapamento das expressões de corpos escravizados, o que nos faz entender um pouco mais sobre o momento pandêmico que estamos vivendo.

O mascaramento coletivo, reforçado pelos vírus, e a utilização de acessórios que se tornam cada vez mais importantes para a permanência do ser humano, servem de metáfora para os vários momentos políticos silenciadores que vivenciamos historicamente. A escravidão no Brasil silenciou, literalmente, os africanos e afroascendentes escravizados como forma de negar a humanidade do

negro. Pensar nisso é pensar que nossa pele nua já não nos protege tanto assim, ao contrário, pode colaborar com a expansão de microorganismos danosos ao corpo, o que nos faz recorrer às próteses que nos protegem e nos encapam. A cor da pele também não nos salva dos males e danos que adoecem os corpos. Neste caso, os danos são causados pela sociedade capitalista, a mesma que cria, através desses patógenos, os lugares estereotipados pela cor.



Imagem 7: João Doe, Carapuça I, performance e fotografia, 2mX1,95m, 2018

O que está na esfera microbiológica não deixa de estar conectado ao que é macrobiológico. São perspectivas, pontos de vista diferentes. Já sabemos, no entanto, que o caminho para a construção de uma sociedade igualitária é a união dos conjuntos sociais. Estamos diante de três ecologias, a social, política e ambiental. O corpo social está inserido nessas ecologias que precisam ser encaradas como não-parte, mas um único todo inter-relacionado. (GUATARRI, 1990)

As máscaras e próteses, que são colocadas antes ou na frente de um membro, dessa vez não substituem um dedo ou braço perdido, mas prolongam as

extensões que nosso corpo passa a necessitar com o avanço das tecnologias e os problemas que vêm com esse avanço. Próteses, máscaras, roupas e aparatos. Guarda-chuva. Ainda é possível ver que, no outro lado desse pensamento, o agente que marginaliza e elimina os corpos desprovidos de ferramentas só o faz porque o dinheiro, a partir do modo de produção, pode comprar. Terra para plantar, casa para morar, comida para comer. É a fome ainda um agente desenvolvedor das hierarquias sociais, mesmo que muitos tenham mais do que precisam para viver.



Imagem 8: João Doe, Carapuça II, performance e fotografia, 2mx1m, 2020.

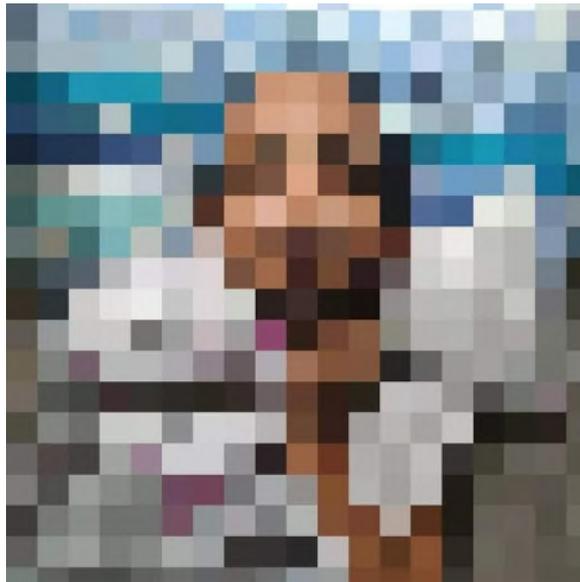


Imagem 9: João Doe, Olhos semicerrados, Fotografia digital, 100x100, 2019.

A carapuça, portanto, serve para todos esses indivíduos que estão à margem de um ideal econômico, mesmo quando o uso dela é justificado pelo assistencialismo falho, mas tão necessário. A carapuça serve, portanto, para uma população à margem de alguns acessos político-sociais, assim, o objeto que julga e condena - o capuz - sugere um instrumento utilizado pela Igreja Católica quando determinava quem deveria ir para a força ou guilhotina. Essa escolha, claro, era feita com base nas normas que a igreja impunha à sociedade, deixando de lado o olhar sobre as várias possibilidades de crença, cultura e gênero.

No contemporâneo, esse corpo se multiplica em vários corpos que, consigo, carregam a sexualidade diagnosticada ou o gênero limitado em dois. Carregam a cor da pele catalogada e demarcada. Essa hierarquização de pessoas foi construída culturalmente através dos séculos. O Nazismo é outro exemplo onde tais corpos foram classificados e etiquetados - corpos que foram obrigados a vestir tais carapuças.

Ao mesmo tempo que esses corpos foram “diagnosticados” como dotados de uma patologia, estes mesmos ainda colaboram com a expansão do opressor, porque é ele quem dita as regras e é ele que vai decidir se seu corpo é serviente ou não. É claro que no contexto do Estado Nazista, as pessoas destacadas marginalmente foram eliminadas. Hoje temos um reconhecimento de indivíduos que existem e se

afirmam no mundo com muita luta - luta essa que pode ser comparada com o que acontece em nosso corpo durante uma invasão por uma bactéria ou vírus.

De acordo com o estudo Endocitose e Digestão Intracelular - Ingestão celular de partículas e macromoléculas, da UNESP, durante a fagocitose, procedimento de captura de um corpo estranho em nosso organismo, uma célula macrófaga o identifica e o come, protegendo o organismo e lembrando das posições de quem come e quem é comido. Essa célula deixa os linfócitos informados sobre o tipo de agente infeccioso que está presente no organismo.

Assim, para os linfócitos que se encarregam dos outros patógenos encontrados pelo corpo, é capturada uma parte do inimigo para que outras células reproduzam anticorpos específicos com o código recebido e enviado pela célula, que enfrenta o “corpo estranho”. Esse corpo estranho, caso volte ao corpo biológico, será atacado por células inteligentes, já conhecedoras e detentoras do que é necessário para eliminar o patógeno. Se camufla aqui o treinamento de um exército em um corpo.

Esse acontecimento tem uma semelhança com as relações sociais. A escravidão é um fenômeno que pode ser caracterizado como portador de uma filosofia anticorpiana, que vem de anticorpo. É preciso estratégia, hierarquia de funções e inteligência para atacar e eliminar o corpo estranho inimigo, o que aconteceu exatamente com a ideia de explorar outros corpos e fazê-los entender que seus corpos não tinham identidade reconhecida pelo pensamento colonialista.

Ainda assim, as correntes sociais, o modo de produção, podem ocupar um espaço, extrair o que for preciso para alimentar o capitalismo. Somos corpos que classificam o outro e suas habilidades ou diferenças a partir de estereótipos. Um corpo que julga outro conto batendo continência aos padrões estéticos.

Confundimos sensações provocadas pela cor a partir de uma perspectiva colonialista ocidental. Damos o azul para o menino e o rosa para a menina. Por isso, os trabalhos aqui exibidos têm seus traços alongados e disformes ou escapamentos.

As fotografias, performances e pinturas apresentadas neste trabalho são a própria tradução desse pensamento: através das máscaras e capas utilizadas durante as fotografias se permite pensar a falta de identidade que esses materiais conotam aos corpos aqui mencionados, e como esses materiais escondem o corpo. Vestindo a capa amarela, o anticorpo é apenas cor e forma estranha no espaço.

Estranha porque não tem olhos, nariz, boca e nem humanidade. Não se sente as asperezas das coisas pois usa luvas. Elas, ao mesmo tempo, protegem um corpo vulnerável ao seu ambiente, mas impedem o tato e a visão de um mundo visto da janela, ou de uma velha casa observada pela janela, do lado de fora.

As pinturas têm a intenção de se agrupar a um conjunto de linguagens artísticas que também interpretam, com uma leitura própria, o significado de corpos estranhos, ocupando um espaço que também se torna estranho. As formas figuradas em cada tela têm o papel de não se mostrarem por completo - amorfas, indistinguíveis, exceto por uma fração de uma parte de corpo aqui ou ali -. De repente, uma mão presa a um corpo desproporcionalmente revela a falta de padrão, indo contra o que é considerado natural.

Não existe face, rosto ou identidade para as personagens deste trabalho. Todas elas conotam um certo não-pertencimento determinado pelos meus primeiros passos em uma infância interrompida pela pobreza e intolerância ao gesto do outro. Sim, uma infância já calcada na falta de liberdade pelas podas paternas e maternas que, sem dúvida, eram incentivadas por uma parte considerável da sociedade.

Por isso, o ebó, a oferendas, compõem o sujeito central dessa escrita por conter em toda sua performance e composição traduções de uma sociedade prejudicada pelos incentivos capitalistas.

2.4 - Ebó, cultura e a arte contemporânea como expressões

A instalação Ebó tem como proposta principal incitar o que provocam socialmente essas oferendas rituais originadas pelas práticas de umbanda e do candomblé, utilizadas como forma de alcançar algum desejo, manifestação de respeito e presente às divindades. A divindade, Orixá, representada nessa proposta é Exú.

O trabalho é uma instalação que pode ser exposta tanto em esquinas, ao ar livre, quanto em museus, galerias, espaços culturais ou igrejas históricas. A proposta é pensar como o sincretismo religioso na cultura brasileira de origem cristã, têm demonizado os deuses cultuados nas religiões africanas, levando toda cultura iorubá africana para um lugar de trevas. Nesse sentido, as esculturas em gesso que apresento aqui, mostram formas de objetos e alimentos usualmente colocados em oferendas.

O governo federal recente, este que ignorou uma crise sanitária e o mesmo que promoveu cortes na educação, tem incitado a necessidade de se falar sobre o colonialismo e o processo decolonial que emerge, por exemplo, da consciência de que existem problemas oriundos da própria história brasileira. A proposta do trabalho Ebó propõe uma reflexão sobre as ordens governamentais, racistas, materializadas no Estado, que vêm tomando conta do pensamento brasileiro e incentivando a barbárie através da segregação, criando mais anticorpos e patógenos sociais.

O que há de se perceber é que a história do corpo é a mesma que acompanha os nivelamentos sociais. Desdobramentos sociais que sempre estiveram ligados à moeda ou valor de troca, precificando corpos. Ou seja, nos primeiros passos que o mercado dava, já capturava os primeiros anticorpos sociais. Uma humanidade que se construiu a partir de pretextos morais estabelecidos a partir de estereótipos. O que o outro faz, dependendo dos valores morais estabelecidos por uma sociedade, cria, adiciona ou retira valor de uma pessoa.

Não há como negar que Exú é essa resistência social, e por isso os Ebós confrontam o olhar cristão. O olhar que traz o cristianismo como única solução espiritual global. Falar em Exu para algumas religiões protestantes é falar sobre o

oposto do conceito cristão, onde o bem e o mal não podem ser ressignificados, sendo separados. Pensar em Exú é pensar que ele é o confronto à ideia de santidade, porque não existe santidade, mas sim uma comunhão com o mundo e com o que a natureza promove. De forma incisiva, para chegar a Oxalá, é preciso oferecer o que Exú merece. Exú exige trabalho, e assim, a abertura de caminhos. No olhar cristão protestante, Exú é um anticorpo. E é através da arte contemporânea que os lugares, espaços, esquinas e encruzilhadas terão referências importantes para o diálogo a construção de trabalhos de arte, diante e entre as expressões desses lugares citados.

Miwon Kwon, em *Um Lugar Após o Outro*, escreveu sobre a ressignificação de cada lugar e em cada espaço a partir de suas interações com o objeto artístico ou o objeto com potencial artístico. “Considerando o foco na natureza social da produção e recepção de arte como sendo exclusivista demais, até elitista, esse engajamento expandido com a cultura favorece locais ‘públicos’ fora dos confins tradicionais da arte em termos físicos e intelectuais” (KWON, 2008, p. 171). O processo de busca dos objetos utilizados para compor a instalação *Ebó* dialoga com o que a autora diz em seu texto. São objetos recolhidos de uma praia poluída na Ilha do Fundão, objetos esquecidos, lixo, devolvidos à terra pelas ondas do mar, sendo este mar sagrado por Iemanjá.



Imagem 10: Instalação em frente ao Paço Imperial, no Centro do Rio de Janeiro, 2022.

Assim, acontece uma ressignificação dos objetos e conceitos a partir do novo contexto que o lugar específico passa a agregar ao trabalho exposto. O Site Specific para este trabalho é composto por todos os espaços que requeiram desejos e intenções, voltados para a luta de uma sociedade marginalizada contra um sistema que necessita dessa hierarquia. Uma hierarquia onde o marginal é necessário.

As garrafas saíram do mar, foram para a areia e viraram esquecimento, lixo, desleixo, abandono. Nas mãos, já não eram as mesmas. Já não eram as mesmas ao olhar do catador. Deixaram de ser estas quando passaram pelo olhar do artista, mudaram quando deixaram de ser elas mesmas para se transformarem em moldes de gesso.

O pensamento que simula o Ebó tem origem em outro lugar da história, no período escravocrata e nos refúgios para conseguir a alimentação que os negros escravizados ofertavam aos seus através de suas oferendas, mas ainda reverbera sua sobrevivência. O Ebó está disposto como signo de uma parte da população que ainda luta pelo seu reconhecimento, e tenta garantir uma boa vida oferecendo ao

Orixá, ao seu Deus, um presente, para em troca receber um desejo realizado, uma esperança de melhora, como respeito ao seu saber ancestral e espiritual.



Foto: Alice Silva e Alícia Nolyq

Imagem 11: João Doe e Kháos, Ebó III - 7 Padês para Exú, Instalação com moldes de gesso sobre tecido branco no Museu da República, 100cm x 100cm, 2022



Foto: Alice Silva e Alícia Nolyq

Imagem 12: João Doe e Kháos, Ebó III - 7 Padês para Exú, Instalação com moldes de gesso sobre tecido branco no Museu da República, 100cm x 100cm, 2022

A oferenda, e todas as expressões sócio-culturais apresentadas nela, propõe pensar o capitalismo como um organismo. Nesse organismo, a humanidade é um dos órgãos maquinistas que trabalham para a produção de dinheiro e produtos. Se produz para produzir, e a máquina não cessa. Para um corpo entrar nesse processo é preciso que ele seja dotado de ferramentas para o trabalho, uma sapiência é requerida, assim formando a pirâmide das hierarquias sociais. Afinal de contas, a diferença de classes existe desde o momento em que o outro que tinha mais bens exerceu a exploração da mão-de-obra alheia para a multiplicação de capital.

Assim, o conhecimento da diversidade cultural e religiosa deve promover a educação como forma de cada indivíduo se entender nesse contexto silenciador. Faz-se lembrar que o silenciamento em muitos casos é literal, quando voltamos a falar dos fatos da escravidão. É interessante como esse fenômeno colonizador reverbera seu espectro silenciador ainda hoje. A escrava Anastácia é um exemplo histórico disso, quando era obrigada a usar uma máscara que se fixava entre a

língua e o maxilar, preso à cabeça. Essa máscara silenciava e deixava os escravos famintos, porque tudo pertencia ao colonizador, aos olhos dele mesmo.

Nesse cenário específico, a boca também é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro que possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem comê-los, devorá-los, desapropriando assim o senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” ao colonizado, o colonizador interprete esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. (KILOMBA, 2019, p.34)

Aos olhos dos escravos pertencia, somente, a incumbência de direcioná-los para baixo. Olhar também era a forma de falar de cada escravizado, um olhar de revolta, de uma soberania preta velada pela branquitude escravagista. A resistência do Candomblé, a criação da Umbanda no Brasil, são formas de estampar àquela sociedade que existe uma forma de pensar calcada na ancestralidade, mas que não se separa da história da humanidade. Exú é símbolo de resistência e afirmação, é o olhar confiante do negro de encontro ao medo do branco colonizador.



Imagem 13: João Doe. Ebó I, composição de oferenda com prataria do acervo do Museu da República, dimensões variáveis, 2022.

Ser preto em uma sociedade embranquecida, com o pensamento embranquecido, é deixar de lado todo o reconhecimento de um corpo chicoteado pela história. O preto é denominado por um pensamento crítico do branco, um pensamento classificatório. Existe, portanto, uma alienação natural de identidade pela imposição colonialista. “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, 2020, p. 34). Isto define o processo de colonização.

Acima de figuras centrais de nosso atual poder político está o capitalismo e o neoliberalismo, que servem como incentivo ao mercado que produz a desigualdade social. Os que estão à margem vagueiam pelos comandos de um poder que os direcionam ao fracasso, diante de uma única possibilidade de vida: o capitalismo e suas consequências para com a sociedade trabalhadora. A configuração de um quadro excludente que remete a relação dos privilegiados com os indígenas e afrodescendentes em nosso país. A história dos entroncamentos sociais da negritude está refletida, principalmente, na história do Candomblé.

“Sobras Viventes” é um termo utilizado por Luiz Antônio Simas e Luis Rufino em seu livro *A Ciência Encantada das Macumbas* (1967) para classificar aqueles que ficaram à margem de um plano capitalista que viria a desenvolver várias formas de ser preto no Brasil. É um termo que permeia os indígenas, negros, pardos, amarelos, marrons e as diversas cores que social e economicamente não representam os estereótipos do colonialismo.

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “superviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. Uma disputa operada apenas no campo da política e da economia pode gerar ganhos efetivos, é claro. Mas o salto crucial entre a sobrevivência e a supervivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo. (RUFINO, SIMAS, 1967, p. 3)

O pensamento de Simas e Rufino com base na desigualdade social brasileira tem semelhanças com o ideal que carrega o Ebó. Este, além de ser um pedido, um

desejo, é também uma forma de rebeldia aos olhos de pessoas que não toleram a expressão de práticas do candomblé, da Umbanda e de outras práticas menos conhecidas no país. É resistência ao Exú, que usualmente é interpretado pelo cristianismo como uma figura vil. Uma entidade que, principalmente aqui no Brasil, sofre os efeitos do colonialismo imposto pela igreja católica.



Imagem 14: João Doe. Papá, Instalação na sala de jogos do Museu da República (Rio de Janeiro), com pratos de plástico e pedras portuguesas, dimensões variáveis, 2022.

A igreja foi um dos instrumentos principais utilizados para dominação colonial. Por outro lado, a linguagem das religiões de matrizes africanas tem a preocupação em ver o todo como potência e energia espiritual. Para isso “ o colonialismo se edificou em detrimento daquilo que foi produzido como sendo o seu outro.” (RUFINO, SIMAS, 1967, p. 4)

Todo o processo colonizador permeia consequências que estão presentes hoje na exclusão social, por exemplo. A existência do povo em situação de rua, das pessoas que estão hoje sem teto, dormindo em papelão com lençóis doados, é a problemática que traz a genética da intolerância àquele corpo que não está dentro

dos padrões, incitando, assim, novas e contínuas revoltas ao embranquecimento incentivado e legitimado pelo capitalismo.



Foto: Alice Silva e Alícia Nolyq

Imagem 15: João Doe. Papá, Instalação na sala de jogos do Museu da República (Rio de Janeiro) com pratos de plástico e pedras portuguesas, dimensões variáveis, 2022.

Neste contexto, o corpo como máquina se estabelece. É o corpo fabricante que, em um coletivo, se torna fábrica. Pensa-se, assim, que a história da construção humanidade é alicerçada a partir da evolução das ferramentas. Das mãos para a pedra, da pedra para as ferramentas e então para a tecnologia. De repente, os seres humanos se mostram vulneráveis ao sistema que os codifica, manipula e os utiliza como mero número construtor da própria máquina (FLUSSER, 2017).

Apesar dessa codificação de mundo apontada por Flusser, o coração, músculo, ainda pulsa e inflama. Ele sente tudo mais o que ainda não imaginamos que uma máquina, um ser mascarado, pode sentir. Estamos conectados por uma rede: o tempo, e os espaços e suas ocupações são reflexos uns de outros, hierarquicamente. Essa rede social, mesmo capitalista, ainda se articula de forma engrenada.

Uma chamada de atenção para o que temos como modelo social é o núcleo do sistema de produção. O núcleo representa o proletariado, por exemplo, que são como carvão para o abastecimento de uma locomotiva. O que se sublinha nessa perspectiva é a diferença entre acessos e possibilidades de existir no mundo capitalista. O pobre obviamente não terá acesso aos mesmos frutos e desfrutes que um milionário terá. (MARX, 1998)

Alguns outros temas fervilham por essa lógica estruturalista que nos apresenta Karl Marx, em *O Capital*. O que, portanto, começa a desenfrear e multiplicar uma série de disparidades nesse sistema é a importância do capital e da mercadoria como valor. Desse pensamento, podemos concluir que uma hierarquia social é estabelecida: em um século, para quem nasce na extrema pobreza, é triplicada suas chances de que sua condição não mude em uma geração. Isso demonstra o projeto do sistema de manter vivos e vulneráveis aqueles que operam a máquina de produção, criando, assim, uma biopolítica, como propôs Foucault.

Até a segunda metade do século XV, ou mesmo um pouco depois, o tema da morte impera sozinho. O fim do homem, o fim dos tempos assume o rosto das pestes e das guerras. O que domina a existência humana é este fim e esta ordem à qual ninguém escapa. A presença que é uma ameaça no interior mesmo do mundo é uma presença descarnada (FOUCAULT, 1978, p. 20)

Como consequência do crescimento desenfreado do sistema capitalista, aliado ao aceleração da evolução tecnológica, as possibilidades de criação de objetos para a venda e consumo também adquiriram seu caráter cultural utilizando das funções tecnológicas como maneira de articular o produto do meio, o corpo humano, aos projetos de sociedade. É impossível negar a mudança nos hábitos das pessoas nos últimos 100 anos: o crescimento tecnológico juntamente com o advento das redes sociais digitais tem admitido o neoliberalismo descaradamente.

Podemos pensar que o período de colonização em toda a América, mas principalmente no Brasil, se deu a partir de uma exploração violenta. Não houve uma chegada pacífica dos europeus, já se sabe. No Brasil, o que houve foi uma escravidão associada ao genocídio, mesmo que os colonizadores precisassem das

orientações dos indígenas, pois não conheciam nada do território, nem as frutas que se podiam comer.

Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença. E se os brancos tivessem educação, eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daqueles povos e produzido outro tipo de experiência, mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui. E foi o que deu errado. (KRENAK, 2018, ep³. 1)

O período colonial, estimulado pelo mercantilismo, desqualificou a humanidade do outro a partir de ideias primitivas. Já nasce com o preconceito sobre o outro, visto como valor - moeda de troca. A escravidão dos indígenas e dos negros no Brasil era, além de um holocausto, o que gerava a economia na colônia para a Coroa. Ainda hoje não é diferente, apesar de termos avanços importantíssimos através de leis e políticas que não permitam tanta barbárie. A diferença acontece quando é oferecido um salário mínimo que não acompanha os preços dos serviços básicos, como o gás de cozinha a cem reais; quando movimenta precariamente milhares de periféricos para trabalharem nos grandes centros urbanos.

Essa massa que se movimenta de um lugar periférico a outro não o faz por acaso. Faz porque suas gerações anteriores começaram longe dos centros, onde havia espaço. Na roça, onde se podia plantar. Onde tinha morro para construir um lar. Enquanto muitos vinham da utópica alforria, os outros, nordestinos, vinham de uma alforria utópica, por uma necessidade básica, que era comer. Quantos marginalizados não souberam quem eram e se perderam porque não havia espaço?

Hoje a favela é vendida como cultura como disfarce do que realmente acontece nas comunidades: a falta de acesso a uma estrutura de moradia funcional. Há quem veja beleza nessa arquitetura da favela, realmente o tem, mas não se pode deixar disfarçar a fome que existe ali. Em um processo seletivo para uma empresa de vendas diretas com o cliente é imprescindível que sua foto mostre como seu sorriso ainda possui dentes capazes de vender. A capacidade de cada um passa, então, a ser comparada a sua forma de estar em um espaço que lhes foi forjado, à força.

³ Primeiro episódio da série Guerras no Brasil da Netflix

O olhar colonizador sobre os povos encontrados via pessoas sem sabedoria, conhecimento. O conhecimento dos povos, no entanto, era o que faltava ao branco. Como diz Ailton Krenak (2018), os brancos não tinham conhecimento da terra que invadiam. Não conheciam os frutos comestíveis, nem os caminhos da terra. Esse conhecimento foi adquirido dos povos indígenas através da exploração e da escravidão violenta desses povos. Ocajú não era fruta para o branco, ele não sabia reconhecer nada que fosse diferente de sua terra. Das doenças adquiridas nas florestas, nenhum deles sabia a cura. Tudo dependia do conhecimento dos povos que ali estavam e tinham sua ciência de viver e respeitar a terra como um todo.

Todas as sociedades anteriores, como vimos, se basearam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas, para oprimir uma classe, é preciso poder garantir-lhe condições tais que lhe permitam, pelo menos, uma existência servil. O servo, em plena servidão, conseguiu tornar-se membro da comuna, da mesma forma que o pequeno burguês, sob o jugo do absolutismo feudal, elevou-se à categoria de burguês. (ENGELS, MARX, 2017, p. 7)

O que os autores ratificam é o processo pelo qual a criação de uma hierarquia, baseada em um escambo de posses, toma valor ao ponto de vender postos, posições hierárquicas na economia, promulgada pelo comércio, pelo mercantilismo, principalmente. O corpo se transforma nesse objeto, posse do Estado, que classifica e hierarquiza posições no trabalho e na sociedade. É simples, aquele que não tem o terreno não pode criar sapatas, colunas, nem coisa alguma. Para o que tem, o pedreiro aplicará sua ciência considerada inferior porque é sabido, mas não tem posses. Isso é o que costumamos fazer: esquecer a importância social pela sua função e forma de cooperação como desenvolvidora para aplicar valor monetário. Os corpos são valorizados a partir do espaço no qual estão inseridos, o que nos remete à biopolítica de Foucault.

Portanto, o Estado se mostra o verdadeiro anticorpo em toda essa história, pois participa dessa caça aos corpos que não fazem “bem” para o sistema sobre o qual ele opera. O modo de produção, com suas demandas cada vez mais imediatas, provoca uma queda em efeito dominó e sustenta a necessidade de uma luta extra para aqueles que estão fora de um padrão de controle comercial, os que vivem em periferias e favelas, por exemplo. A ideia da chegada ao sucesso, do

reconhecimento meritocrático, transforma os dias em corridas contra a miséria e a fome.

“A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas como dignas e encaradas com piedoso respeito. Fez do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio seus servidores assalariados.” (ENGELS, MARX, 2017, p.24) Essa divisão do trabalho, uma divisão hierárquica, prevê que a base seja povoada por anticorpos, a classe trabalhadora. Assim, se transformam em carvão, que serve como combustível para a grande máquina que move o mercado.

Nesse contexto é procurado saber qual dos dois agentes sociais, Estado e sociedade, é o patógeno ou o anticorpo. No momento em que vivemos, o Estado e seus servidores da segurança pública tratam do corpo marcado e marginalizado como patógeno. Como uma bactéria capaz de provocar danos na sociedade. Falamos historicamente dos pretos, indígenas, judeus, mulçumanos, gays, lésbicas, transexuais, travestis e não-binários - corpos que, já muito, vêm sendo alvo de julgamento comparado ao padrão, ainda greco-romano:

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso. Colocamo-nos, a nós mesmos, sob o signo do sexo, porém, de uma Lógica do sexo, mais do que de uma Física. Não devemos enganar-nos: sob a grande série das oposições binárias (corpo-alma, carne-espírito, instinto-razão, pulsões-consciência) que pareciam referir o sexo a uma pura mecânica sem razão, o Ocidente conseguiu, não somente e nem tanto anexar o sexo a um campo de racionalidade, o que sem dúvida nada teria de extraordinário, tanto nos habituamos, desde os gregos a esse tipo de "conquista"; mas sobretudo colocar-nos, inteiros — nós, nosso corpo, nossa alma, nossa individualidade, nossa história — sob o signo de uma lógica da concupiscência e do desejo. (FOUCAULT, 1999, p. 76)

Faltou à essa concepção do sexo, para a sociedade, o lugar onde o corpo cabe e pode ser consciente de sua classificação. Ou seja, entender o sexo como prerrogativa para um corpo e seu gênero é justamente colocar a pluralidade de pensamentos, contidos em um corpo, dentro de jaulas e paredes estreitas. Portanto,

precisamos deixar de entender o sexo como testamento para enxergá-lo como discurso.



Imagem 16 : João Doe. Carapuça e o Homem do Saco, Fotografia, 200cm 185cm, 2018.

Os corpos não-padronizados fazem parte do conjunto de patógenos que, enquanto não forem silenciados, formam um perigo para a sociedade. Falo aqui das pessoas que precisam pegar duas ou mais conduções para chegar ao trabalho; falo da acessibilidade inalcançável por uma parte da população. O acesso à comida, por exemplo. Isto ocorre mesmo que o perigo esteja embutido apenas por um incômodo fóbico, sendo a presença do outro nociva e sinalizadora aos biotipos já concebidos por uma caracterização do que significa ser fora da lei ou da moral.

Para tanto, o julgamento popular àquele que rouba a galinha do vizinho: pauladas, socos, chutes. Vem do âmago uma raiva nata que não se explica por ela

mesma. A adrenalina e vontade de matar, nos justiceiros populares, é tão grande que não é possível que ali haja uma amargura de ser e fazer parte de um coletivo maltratado pelo Estado, que determina meios de sobrevivência tornando a subjetividade completamente desprovida de livre arbítrio. É desse fenômeno cascata que faz da raiva acumulada o motivo certo para fazer justiça com as próprias mãos. É uma bactéria comendo a outra.

Um acontecimento pertinente é a eficácia que o capitalismo tem em fazer e forjar tais fenômenos. As questões sociais evidentemente são novos núcleos surgidos ou criados a partir de uma condição imposta: o trabalho e o salário. De forma muito lúdica e inspiradora, o sistema nos faz acreditar que é possível alcançar um status socioeconômico a partir do esforço. Porém se o que se busca é igualdade, o cálculo para essa coesão está, no mínimo, construído de forma equivocada.

A partir dessas afirmativas percebemos que a quantidade de anticorpos, isto é, patógenos que são ameaças à sociedade está cada vez mais ancorada em quantidades que se multiplicam desenfreadamente e continuam tomando o mesmo lugar. Claro que hoje temos políticas sociais que tentam cobrir um buraco histórico, no entanto, dentro dessas questões se formam novas questões pautadas em alicerces arcaicos.

Dentre os patógenos mais caçados está o faminto. Atrás dele correm correntes e gritos, de um suplício que a própria vida provoca. A vida sim, pois é dela que vêm todas as disparidades e discordâncias sócio-políticas. A fome continua cavalcando seu cavalo esquelético juntamente com a guerra, a morte e a pestilência. São simbologias bíblicas, religiosas e, pasmem, são políticas e sociais.

O arquétipo da segregação é o corpo desprovido das condições beneficentes à vida. O que ocorre com a desestruturação dessa hierarquia dos corpos é a fetichização a partir do corpo mais rico ou mais poderoso. O corpo que se afirma com mais potência e que possa levar benefícios ao sistema econômico é o corpo escolhido para padronizar outros corpos.

Lygia Clark, através de seu Breviário sobre o Corpo, medita diretamente sobre sua escrita e a razão que leva o corpo a ser corpo. Para Lygia, nesse texto especificamente, há um direcionamento ao entendimento dos membros que nos compõe levado por sua função até seu entendimento como maquinário e funcional. Não pela intenção da artista, mas por sua performance na escrita. Esse breviário,

um breve dicionário sobre as possibilidades de cada equipamento corporal, mostra as subjetividades de um ser vivente, cheio de vida e de pulsões.

Esse instinto maquinista, de produzir e transformar a natureza em meio de trabalho, é, no entanto, voltado completamente aos caminhos que levam o capitalismo à ascensão. Nosso corpo, nos fizeram acreditar, deve estar disponível às demandas exigidas pela economia. Por isso os corpos quebrados, amputados, alongados, baixos, esticados ou largos demais, foram considerados, por muito tempo, como corpos disfuncionais.

As máquinas, assim como são, fazem o papel de um ser humano de forma duplamente acelerada. Uma máquina de escrever, por exemplo, é desenvolvida para acelerar o processo de criação e escrita, sendo ela construída para obedecer uma demanda capitalista com mais rapidez. Ou seja, as ferramentas que utilizamos, tanto as artesanais quanto as mais industrializadas, são moldes de possibilidades de extensão de nosso corpo, como próteses que suprem uma necessidade criada pelo Estado e o mercado, nos fazendo entender que é possível ter mais do que deveríamos ter e alcançar objetivos criados pelo imaginário capitalista.

Lygia Clark discorre em seu texto sobre as possibilidades infinitas e filosóficas que as atitudes corporais afirmam sendo matéria no espaço. A relação dos corpos também é um assunto investigado sem muita intenção. Se descobre, assim, que um corpo cheio de vitalidade não existe sozinho no espaço e que a relação desses corpos provoca a ação de outros, dando origem a um movimento coletivo.

Pensar as palavras e a poesia de Clark sobre o seu corpo e os corpos de seus clientes nos faz refletir no corpo funcional e a finalidade que este corpo carrega dentro de um contexto social industrializado, globalizado, capitalizado. De um lado temos um corpo evidente no espaço, biológico, cheio de processos desconhecidos até mesmo pela ciência, de outro temos uma potente mão-de-obra, dona de um preço, mas que é barateado de acordo com sua classificação em um catálogo inventado, afirmado por instituições patriarcais, machistas, misóginas e fóbicas.

A cor do corpo, em sua própria história, nos dá uma chance de entender que as coisas são classificadas a partir de uma concepção forjada por uma ordem predominante. Podemos citar a escravidão como um breviário de um corpo visto sob uma perspectiva branca. A forma do corpo é importante para dar continuidade ao

processo de produção capitalista, mas a cor também caminha nessa estruturação racial.

Trago aqui um debate racial a partir do texto de Clark. A boca, quando Lygia Clark discorre sobre sua subjetividade e funcionalidade, não é tratada como dotada de cor. A cor na escrita da artista não existia como fator importante de uma relação sensorial com o outro. O que se vê no racismo é uma marginalização de pessoas pretas, enquanto corpos específicos são atraídos por eles mesmos em um ciclo que obstrui a entrada do outro corpo, com outra cor. É por isso que a boca do preto, em sua ancestralidade, carrega, ainda, um gosto de ferro.

Nesse cenário específico, a boca também é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco: os frutos, a cana-de-açúcar e os grãos de cacau. Ela ou ele querem comê-los, devorá-los, desapropriando assim o senhor de seus bens. Embora a plantação e seus frutos, de fato, pertençam “moralmente” ao colonizado, o colonizador interpreta esse fato perversamente, invertendo-o numa narrativa que lê tal fato como roubo. (KILOMBA, 2019, p. 34)

Com a afirmativa trazida por Grada Kilomba, podemos entender que a problemática de sermos humanos e, ainda assim, existir uma cronologia estética é exatamente o que faz com o patógeno social reproduza, em sua revolta, uma antipatia com a ética e com a moral definida de forma totalizante sob uma ótica branca.

Esse fenômeno, o preconceito, é o agente inflamatório das veias urbanas. Nele está contido toda forma imperiosa de ser sobre o outro considerado inferior. Essa inferioridade colocada sobre a alteridade é branca, mas tem outros formatos desenvolvedores, visto que nossa sociedade é completa de agentes despadronizados, que não atendem o pré-requisito de um determinado comportamento ou forma de ser.

Outro exemplo é o caso dos mulçumanos em países da Europa ocidental, como a Alemanha. Na verdade, essa questão do espaçamento racial, xenofóbico, alcança pessoas das mais variadas condições físicas. “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao

sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, 2020, p. 34).

O processo de colonização, já se sabe, se enveredou entre as terras desconhecidas com uma única finalidade, a de exterminar ou embranquecer qualquer corpo que não fosse branco. Àqueles que viam as atitudes brancas como alternativa para não morrerem, acabavam entrando no jogo embranquecedor e faziam a “lei do capitão do mato.”

Isso permite a alguns pensadores da negritude refletirem sobre o seu lugar em um espaço determinado e desenvolvido por uma supremacia branca. De acordo com Fanon, o olhar que classificou o negro é olhar de retina clara e sem veios vermelhos pela dor (2020). O preto, enquanto africano, tinha sua concepção de si baseada em sua cultura e religião. Culturas e religiões, filosofias de vida roubadas pelo ocidente, enquanto um tal sincretismo justificava a anulação dos seus deuses.

Não é apenas a retirada de um lugar físico que é proclamado aos negros e àqueles desprovidos de uma simetria corporal. Suas identidades são açoitadas juntamente com seus corpos. Se não são escravizados, se rendem ao pensamento do colonizador, se não se rendem a esse pensamento, são mortos por lutarem contra a “ordem”.

O sistema, o Estado, as expressões da questão social estão presentes nos trabalhos artísticos e permeiam todo o campo onde existe uma disparidade provocada pelo colonialismo. Dessa forma, as figuras dos orixás, desde a escravidão, são vistas com olhos colonialistas provocada pelo sentimento racista.

O processo colonialista, através de muitas permissões da igreja católica, endemoniza todo o pensamento da cultura lorubá no Brasil. As tradições desses pensamentos foram colocadas como o que está ligado ao que é mau, negativo, confundindo e fazendo alusão a outros tipos de sinais que a cor pode nos dar fora da pele.



Imagem 17: Processo de criação dos moldes

É interessante repensar e perceber a força que os Orixás representam para a resistência negra. Os orixás representam resistência, principalmente, às injustiças, e suas representações vão de encontro a uma revolta que circunda os corpos dos negros subjugados e escravizados. O corpo do preto, as expressões das religiões de matrizes africanas foram suprimidas e encarnadas em um corpo colonizador dimensionado como sincretismo religioso.

A diferença, aqui no Brasil, das religiões africanas comparadas às religiões protestantes ou à igreja católica é justamente a forma como o mundo é concebido em toda sua desigualdade, como o pensamento político atinge as organizações religiosas e tentam desenvolver ainda mais a intolerância. As religiões aqui tratadas por serem mais conhecidas no nosso país, Umbanda e Candomblé, por exemplo, têm certa empatia sobre capturar tudo o que é possível para crescimento e evolução intelectual e espiritual. Enquanto isso não existe, se torna impossível diante de suas próprias leis, uma relação da igreja com a africanidade. Por isso há a transição de

nomes que não podem ser citados na sociedade cristã, isso porque tais Orixás, Exus, conotam o mal por ainda pensarem sob uma dualidade espiritual ultrapassada e muito mais voltada ao ser, ser humano.



Imagem 18: João Doe, Ebó, Instalação com moldes de gesso, 2022.

Esse fenômeno encontrado aqui, Brasil, lugar de diversidade permite um aproveitamento de todos os eventos culturais enraizados no país. No entanto, há de se assumir que os valores hierarquizados estão repletos de signos que devem ser ressignificados, pois, conotam o apagamento das culturas ancestrais brasileiras assim como as que iniciaram toda essa brasilidade em suas religiões africanas.

O Brasil ainda é um país que se identifica com a cultura europeia, onde os olhos de Jesus são azuis porque assim pensavam ser aqueles com o mesmo tipo de corpo. Em outra via, há corpos marginalizados e açoitados pelo sistema econômico, pelo Estado que agora está no comando. De uma forma estrutural os ideais embranquecedores, racistas e genocidas apagam os acessos de uma população

majoritariamente pobre e negra no Brasil. Vejamos mais uma vez como exemplo o difícil acesso que pessoas com deficiência enfrentam nas universidades.

Todo tipo de exclusão está relacionado às consequências que o capitalismo e o neoliberalismo têm provocado. Pensar dessa forma é pensar a relação dos mais ricos com os mais pobres levando em consideração a pirâmide social. Portanto, mais uma vez a negritude e sua exclusão pelo embranquecimento, estão impostas pela iminência de uma ruptura com qualquer tipo de invasão aos costumes e práticas de suas cultura e religião. Assim é a forma como as oferendas representam a resistência de continuar desejando que os chicotes cessem em suas variadas formas, tamanhos e forças.

É importante, principalmente, pensar sobre os objetos e desejos que estimulam as oferendas e a forma como elas são compostas. Os ebós são usualmente colocados no chão para os Orixás. Quando a oferenda é para Exú, aquele que também representa o povo de rua, os objetos desejantes oferecidos são cigarros, bebidas alcoólicas e charutos. Essa oferenda já nos mostra qual corpo estereotipado está desejando ou agradecendo. Os alimentos oferecidos trazem à tona pequenos signos que representam os anticorpos inseridos nesse sistema: Exu, o mensageiro e guardião de Oxalá, como necessidade de proteção, resistência e abertura de caminhos. A garrafa de cachaça como aquela que espiritualiza e torna a vida mais leve. Todos os objetos representam e projetam desejos que o próprio corpo vivencia.



Imagem 18: João Doe, Carapuça III, fotografia e performance, 2 x 1,5, 2019.

3 – Conclusão

O processo de escrita desse trabalho de conclusão de curso me faz repensar todo o processo de desenvolvimento artístico que experimentei durante esses anos na universidade. Entrando na universidade, como um anticorpo social (patógeno), mudei as perspectivas, sobre o espaço universitário, de lugar. Foi possível ver que, dentro daquele espaço, eu viveria, mais uma vez, os desafios de superar os obstáculos que a vida fora da universidade requer, principalmente àqueles que estão em níveis sociais diferentes daqueles privilegiados.

A necessidade de ter dinheiro para enfrentar os gerenciamentos do capitalismo acabou colocando em dúvida tudo que foi objetivado como estudante de uma universidade federal. O anticorpo Estado estava, mais uma vez, combatendo um patógeno social que não deveria estar na universidade, um lugar que, por muitos anos, era somente aberto aos ovos de ovos dourados. Pessoas que já tinham privilégios por pertencerem às linhas ancestrais colonialistas.

Dessa forma, o mercado de trabalho era me imposto nesse momento como única forma de viver em sociedade. Isso nos faz exercer, novamente, o conceito de biopolítica e necropolítica que já tratamos nos parágrafos anteriores.

Durante a pandemia, os dois anos de reclusão, foi importante observar como tais biopolíticas se expandem globalmente, a fim de fazer, periodicamente, uma limpeza dos espaços, retirando e abatendo os corpos que não são cabidos ali. Passamos por uma fase que entrega aos lobos as ovelhas quebradas da sociedade. Ovelhas negras. Termo carregado de patriarquismo, racismo e exclusão.

A partir de abril de 2022, quando me tornei um bolsista PIBIC/UFRJ (mesmo sendo uma ovelha negra), comecei a exercer com mais assiduidade minhas práticas como pesquisador e artista, participando do Grupo de Pesquisa “A arte, a história e o museu em processo”, do CNPQ/UFRJ, liderado pela professora Beatriz Pimenta. O que possibilitou o desenvolvimento dos meus projetos artístico urbanos, assim como a criação e o desenvolvimento das instalações Ebó I, Ebó III e Papá, expostos no Museu da República e apresentados aqui, nas páginas anteriores.

Essa experiência como pesquisador desembocou muitas vontades e anseios para os próximos anos, quando pretendo levar adiante minha pesquisa através de

uma carreira acadêmica. Somente assim, dando continuidade, poderei observar e colher informações e estudos que possam auxiliar no desenvolvimento de novos trabalhos, novas linguagens e novas expressões dentro da arte contemporânea partindo de discursos sociais que margeiam as diferenças entre classes.

O patógeno, para o anticorpo Estado, este configurado sob os últimos investimentos fascistas do bolsonarismo, foi legitimado como tal e seu corpo serviu como instrumento para a alienação da sociedade que é incentivada a acreditar na ilegitimidade desses corpos como dotados de vida. Acabamos de passar por esse momento, onde somente os interesses econômicos do país eram levados em pauta. A sociedade brasileira, durante essa última presidência, foi orientada e educada a atacar as diferenças, usando como justificativa equivocada, principalmente, os valores cristãos.

Infelizmente estamos fadados a trabalhar contra os esses fenômenos que separam e excluem pessoas de lugares. Estamos destinados a enfrentar a exclusão dos espaços periféricos da ideia de lugar. O lugar, nesse sentido, é aquele descoberto pelo pensamento colonizador, e nesse lugar só é permitido entrar corpos “eficientemente completos” sem nenhum julgamento que fira sua moral. Os anticorpos sociais e os patógenos, no entanto, estão barrados a entrarem nesse espaço.

Felizmente, por décadas, séculos talvez, teremos de trabalhar contra as desigualdades até que possa existir um equilíbrio entre sistema e vida. Ou até quando a vida deixar de ser catalogada e manipulada pelo biopoder. Não podemos deixar de lembrar, contudo, que essa luta já existe e vem conseguindo criar políticas que olhem para os patógenos sociais como peças importantes de um tabuleiro, mesmo que este tabuleiro esteja sobre a mesa do capitalista.

Por isso, ainda precisamos continuar lutando pelo acesso ao deficiente físico, contra os ataques homofóbicos e transfóbicos, contra a misoginia e o racismo. É nessa luta que nosso corpo se faz presente diariamente. Acordar todos os dias vivo já é lutar e vencer todos os dias. Felizmente, por décadas e séculos, talvez, teremos mais oportunidades de expressar nosso descontentamento sobre esses fenômenos excludentes sociais.

Infelizmente, todavia, ainda teremos que lutar e nos mascarar contra os vírus.

4 – Referências Bibliográficas

BOLOGNESI, Luis. Guerras do Brasil. ep. 1. Netflix, 2018.

BRINGHURST, Robert. A forma sólida da linguagem, Rio de Janeiro: Rosari, 2006.

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. Organizado por Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KWON, Miwon. Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity" (1997). : Arte & Ensaios n. 17, PPGAV-EBA-UFRJ, 2008, 166-187.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 edições,. 2020.

PRECIADO, Paul. Aprendendo do vírus. n-1, 2020, disponível em:<https://n-1edicoes.org/007>.

RUFINO, Luis. SIMAS, Luiz Antônio. A Ciência Encantada das Macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2018.

RUFINO, Luis. SIMAS, Luiz Antônio. Encantamento, Sobre Política de Vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.